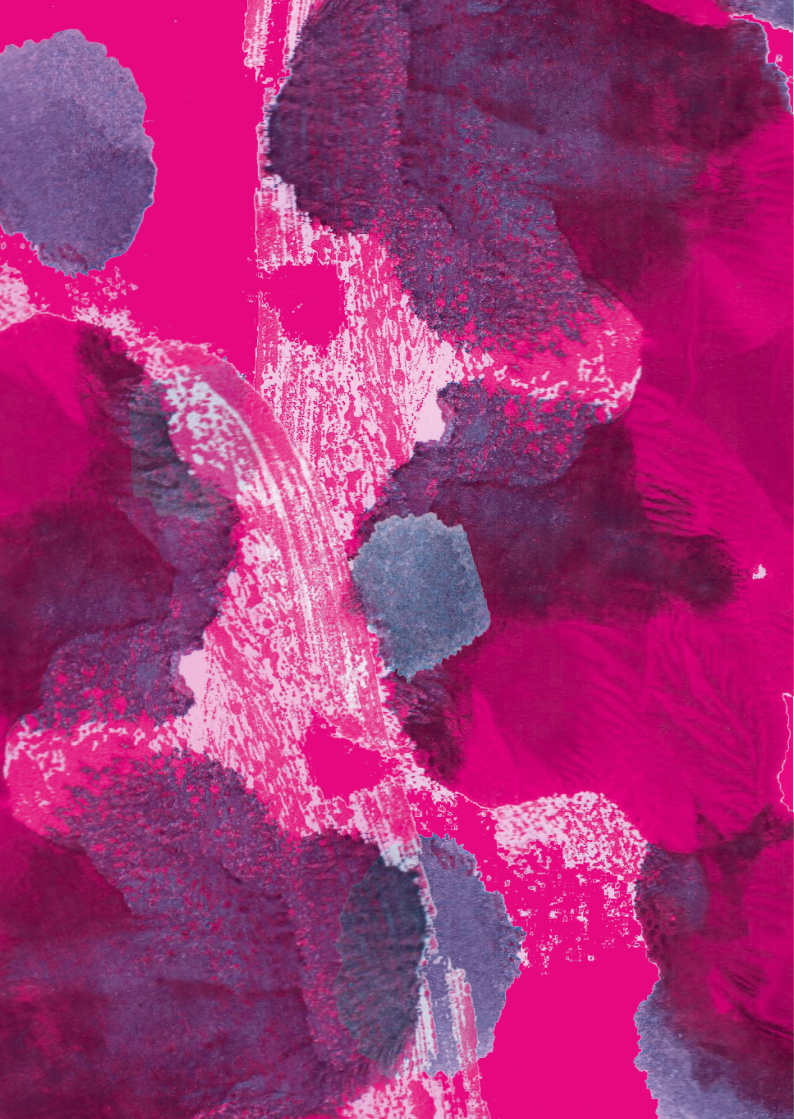
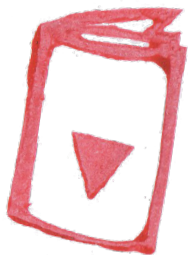
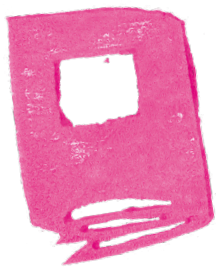
Ma ni fes te

uma zine, uma ideia ou uma conversa

por que

auto publi car?

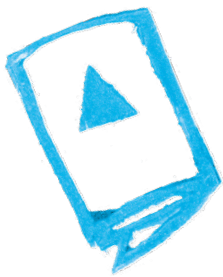
1. po
poss

Parece irônico falar da *internet* quando pensamos em impressos, mas é inegável que a mesma tornou-se uma ferramenta poderosa de compartilhamento de informação, o que pode ser desnorteante às vezes, e um local bem democrático para *compartilhar ideias*. Com as palavras certas, é difícil não achar uma resposta no Google ou um vídeo tutorial no Youtube. Temos com relativa facilidade passo a passos de como fazer o

que queremos fazer, por pessoas que já fizeram aquilo, em alguns segundos (quando o sinal colabora, né?), e cabe a nós filtrar para onde queremos ir com tudo isso.

Outro ponto é que as tecnologias de impressão e reprodução evoluíram pra atender a pequenas demandas rápidas. Vivemos num tempo de *bureau* digital e fotografia instantânea! Nossos computadores e programas nos permitem montar e desmontar em minutos layouts que os designers e artistas do passado levavam horas (se não dias) debruçados em cima — o que também torna o processo um pouco distante na opinião de quem

acredita no potencial de uma boa folha de papel em branco.

Eu mesma escrevo agora de um documento do Google, compartilhável, duplicável e imprimível em tempo real. Com um ctrl + c, ctrl + v passo meu texto para um software editorial, editando e lapidando o impresso A6 que vai sair fresquinho em minutos pela minha impressora jato de tinta. *Escrevo, edito, ilustro, imprimo com meus próprios filtros de ideia e orçamento.*

A tecnologia, bem empregada, torna nossa sociedade mais democrática... e quem sabe mais diversa?

Às vezes me ocorre se não é estranho só estar e ser num mundo de valores que enquadram a gente em padrões. Quando falamos, procuramos a resposta certa, a verdade, aquilo que nos diga que somos válidos dentro desse “certo e errado”.

Eu mesma não sei. Ainda me aflige não ter certeza ou controle mas eu gosto de poder falar disso. Gosto de saber que as coisas que me fizeram sentir errada ou quebrada um dia na verdade não me fazem um objeto defeituoso que pode ser devolvido na loja.

Não existe ser humano padrão. *A verdade geralmente é plural e tem vários lados.* É como olhar uma escultura enquanto circula em volta dela, sabe?

Enfim, é por isso que eu falo. Pois sei que sou única num mar de histórias e vidas.

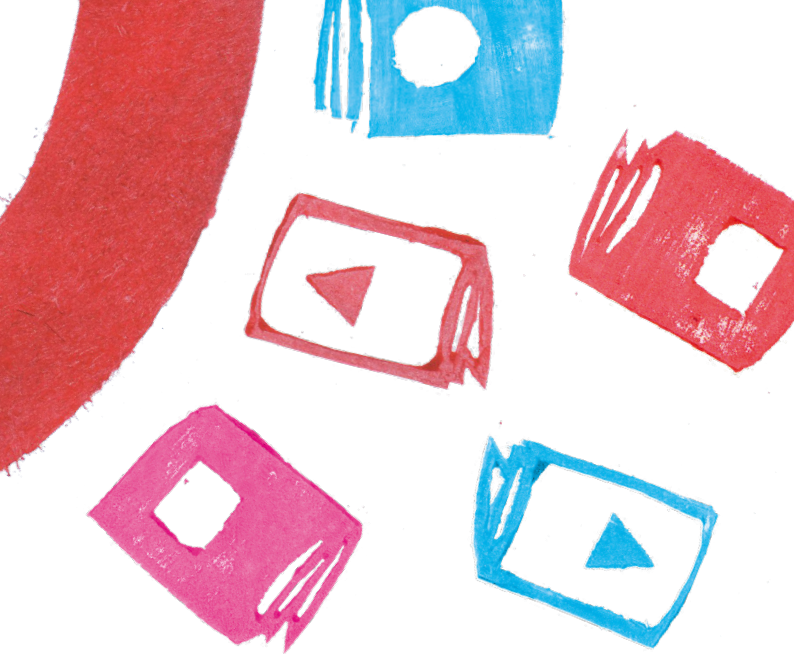
E é por isso que *quero ouvir o que me falam* também. Quero ouvir o que manifestam, buscam e dizem sobre o mundo e como ele poderia ser um lugar melhor ou só diferente.

3. po
temo
espa

os

E o que faz do espaço de publicação independente (sejam feiras, bancas, galerias, troca de zine por correio…) ***uma “unidade”?*** Já sabemos que a diversidade e a subjetividade são valores bem presentes. Não é como se a gente jogasse tudo num mesmo padrão estético, cultural, social, político e por aí vai ao infinito.

Eu vou arriscar dizer que o que agrupa esse todo de gente é ***o brilho no olho***. Raramente o que se vende numa feira cobre o custo de produção e quem dirá gera lucro mas sinceramente eu me sinto confortável demais nelas.

Um monte de gente reunida criando espaço pra conversar sobre coisas que não tem propo$ito

nesses valores de mundo cão. Um monte de gente educando gente, conversando com gente, consumindo trabalho de gente... *sendo gente sabe?*

Temos espaço no plural. Somos gente no coletivo. Todos cabemos nessa ciranda. Até por que onde tem gente pra ouvir, se fala melhor.

Essa é a primeira zine de um kit contendo também ***Entre papeis e tintas*** e ***Zine de receitas***.

Manifeste é uma breve ideia, ou parte de uma ideia maior, que espera que mais pensamentos se façam ouvir — ou ler — pelo mundo afora, formando, quem sabe, uma grande conversa :^)

Raíssa Vítola
@rajovial